

Convergências e divergências entre as experiências de quase-morte e a visão judaico-cristã

Julio Cezar Lazzari Junior¹

Resumo

A crença na imortalidade da alma encontra-se em todo o mundo, aparece na religião e na filosofia e é um dos assuntos que mais chama a atenção das pessoas. Sendo assim, as experiências de quase-morte, vividas por quem esteve muito próximo do falecimento ou foi realmente considerado morto e retornou à vida, vêm ao encontro deste interesse e têm sido estudadas por pesquisadores de diferentes áreas da ciência. A nossa proposta é comparar a visão escatológica de alguns segmentos cristãos com os relatos dessas pessoas, a fim de sabermos em que divergem e em que convergem. Com isso, antecipamos possíveis conflitos que essas pessoas possam ter com suas religiões e abordamos mais de perto um dos temas que mais fascinam e intrigam o homem.

Palavras-chave: morte; alma; experiência e imortalidade

Convergences and divergences between nearly-death experiences and the jew-christian vision

Abstract

The belief in the immortality of the soul is in the every world, appears in religion and philosophy and is one of the matter that more drew the attention of people. Thus, the experiences of near-death, who has lived very close of death or was actually considered dead and returned to life, come to meet this interest and have been studied by researchers from different fields of science. Our proposal is to compare the eschatological vision of some segments Christians with the reports of these people to know where they differ and where they converge. Therefore, anticipate potential conflicts that people may have with their religions and an approach more closely the issues that most fascinate and intrigue the man.

Key word: death; soul; experiency and immortality

Introdução

A experiência de quase-morte, doravante EQM, é uma experiência de quem esteve muito próximo da morte ou foi considerado realmente morto pelos médicos e retornou à vida. Os casos comumente

¹ Bacharel e licenciado em teologia, graduado em comunicação em marketing, pós-graduado em marketing internacional (Uninove) e em ciências da religião (PUC) e mestrando em filosofia (USJT). E-mail: julio_lazzari@ig.com.br

envolvem acidentes automobilísticos, infartos, partos difíceis, operações em salas de cirurgia ou alguma doença que leve a pessoa à beira da morte ou à morte realmente. Para alguns, a morte é um processo irreversível e, se essas pessoas tivessem realmente passado pela experiência de morte, não teriam voltado para relatar o que experimentaram. Entretanto, muitos desses casos contêm todos os sinais conhecidos de morte, como coração sem bater, ausência de pulsação e respiração, além de nenhuma resposta do indivíduo a estímulos e início do esfriamento do corpo, em alguns momentos até o princípio da palidez mórbida tão característico nos falecidos. Se levarmos em conta a opinião de quem entende que a morte é um processo irreversível, então essas pessoas, como é claro, não estiveram realmente mortas. Para quem compreende a morte, do ponto de vista biológico, como ausência de todos os sinais vitais, então um bom número de pessoas que passou pelas EQMs realmente faleceu e retornou à vida, seja pela intervenção dos médicos, seja de maneira espontânea, sem nenhum esforço humano.

Em muitos casos, os médicos anunciam a morte do paciente e desistem do caso. Em outros, mesmo diante dos sinais de falecimento, eles tentam o ressuscitamento cardiopulmonar, conseguindo, por vezes, o resultado desejado. Portanto, não estamos falando de pessoas que desmaiaram, sonharam, perderam a consciência ou têm histórico de esquizofrenia ou delírios, mas de histórias de homens e mulheres que foram considerados mortos por profissionais da saúde e voltaram à vida, relatando o que experimentaram durante o período em que estiveram sem vida em seus corpos físicos. Há diversas explicações alternativas para o fenômeno, vindas de religiosos ou cientistas, as quais procuram negar que elas foram reais ou que buscam enquadrá-las em uma origem espiritual maléfica. A título de informação, citamos algumas delas:

- ações demoníacas;
- drogas terapêuticas aplicadas aos pacientes;
- falta de oxigenação no cérebro;
- explicação neurológica – alucinações autoscópicas;
- sonhos, alucinações, ilusões.

Como a nossa proposta não é analisar a EQM do ponto de vista científico, não refutaremos ou concordaremos com as explicações dadas acima com detalhes e análises do fenômeno, mas as citamos apenas para informar ao leitor interessado no assunto sobre as variadas opiniões que existem sobre esse fenômeno, e quem tiver o desejo pode aprofundar-se em suas pesquisas com os materiais disponíveis até o momento.

Diante da grande quantidade de relatos envolvendo experiências fora do corpo e de sua influência na visão da vida além-túmulo, principalmente para aqueles que as viveram, propomos uma comparação entre essas descrições e a visão judaico-cristã, especialmente o que está narrado no texto bíblico. Sem dúvida, não podemos esquecer que a visão judaico-cristã é muito variada e, por isso, nos apegar-nos a aspectos gerais e àquilo que é mais abrangente dentro deste(s) movimento(s) religioso(s), buscando um tipo ideal de cristianismo(s), não deixando de abordar os conceitos de diferentes ramificações cristãs que se relacionem com o nosso tema.

O nosso propósito é confrontar as duas visões, destacando as convergências e divergências entre elas, já que, para muitas pessoas, ambas dizem a verdade. Por isso, sabendo que milhões de pessoas no mundo inteiro buscam na Bíblia sua fonte de informações sobre a vida além-túmulo, propomos uma comparação entre os relatos bíblicos e os testemunhos daqueles que estiveram muito mais próximos da morte do que as demais pessoas. Sabendo que um número grande de pessoas passou por uma EQM, é relevante comparar essas experiências com a visão judaico-cristã, já que muitas dessas pessoas, que já passaram por momentos difíceis por terem ficado muito perto da morte, ainda podem ter problemas com seu mundo religioso se contarem as experiências.

A nossa análise justamente vai ao encontro do sentimento de surpresa que muitas pessoas que tiveram uma EQM tiveram ao descobrir que *o lado de lá* não é como pensaram anteriormente, contradizendo suas respectivas formações religiosas. Em outros casos, elas interpretam suas experiências dentro do seu contexto religioso, conciliando o fato com as descrições bíblicas que abordam assuntos semelhantes, no caso de judeus ou cristãos. Com isso, em certos aspectos,

a visão judaico-cristã concorda com as EQMs e, em outros pontos, não.

Este artigo não é apologético para nenhuma das partes, mas apenas comparativo, já que aqueles que se interessam por ambos, provavelmente, sentirão desejo de averiguar o que cada um tem a dizer para tirar suas próprias conclusões.

1 Os principais passos relatados nas EQMS

Em seu primeiro trabalho publicado, na década de 1970, o Dr. Raymond Moody, um dos principais pesquisadores de EQM da nossa época, entrevistou cerca de cento e cinquenta pessoas que passaram pela experiência de quase morte, além de indivíduos que conheciam alguém que passou por esse difícil momento. Ele dividiu suas fontes em três categorias, as quais são:

1. pessoas que foram ressuscitadas depois de terem sido julgadas mortas pelos médicos;
2. pessoas que, por doenças ou ferimentos graves, estiveram muito próximas da morte;
3. pessoas que ouviram relatos de terceiros.

Ele concentrou quase todos os casos nas duas primeiras categorias, com o intuito de trabalhar com informações de primeira mão, o que reduziu o número de casos para cinquenta. O Dr. Moody faz a seguinte observação:

O que me surpreendeu desde o começo do meu interesse foi a grande semelhança dos relatos, a despeito do fato de que vinham de pessoas com as mais diversas religiões e diferentes circunstâncias sociais e educacionais (MOODY, 1979, p. 23).

A continuidade da coleta dos relatos corroborou a similaridade das experiências, o que permitiu a ele descrever os passos mais comuns que as pessoas relatam ter vivido após a declaração da morte biológica. São eles:

1. a declaração de morte, ouvida pela pessoa que morreu;
2. um ruído desagradável na cabeça;
3. a pessoa se sente em movimento rapidamente através de um túnel longo e escuro;
4. a pessoa encontra-se fora do corpo físico, vendo seu próprio corpo;
5. ela assiste às tentativas de ressurreição em estado de perturbação emocional;
6. acostuma-se à nova situação e percebe que tem um *corpo* de natureza diferente;
7. encontro com parentes falecidos e com um ser de luz;
8. o ser pede-lhe que examine sua vida e recapitula os principais acontecimentos;
9. a pessoa se depara com uma fronteira entre a vida terrena e a vida seguinte;
10. descobre que precisa voltar ao seu corpo;
11. a pessoa oferece resistência, pois as experiências são inefáveis, com profundo sentimento de paz, alegria e amor;
12. volta ao seu corpo físico;
13. dificuldades em contar o ocorrido pela infabilidade do fato e pela zombaria dos que não acreditam;
14. a experiência afeta profundamente a vida da pessoa e o seu conceito sobre a morte, muitas vezes levando o indivíduo a perder o medo desse temível evento (*Ibid.* 27-28).

Não há, em seus relatos, duas pessoas que tenham vivido exatamente os mesmos eventos, na sequência, de maneira idêntica. Contudo, esses são os principais passos descritos pela maioria das pessoas e um bom número delas relata alguns itens citados na lista de maneira fragmentada.

O Dr. Champlin, teólogo, filósofo e estudioso do assunto, citando a pesquisa do Dr. Karlis Osis, um psicólogo lituano, o qual enviou dez mil questionários, cinco mil para médicos e cinco mil para enfermeiras, sobre a frequência e a natureza das visões à beira do leito de morte, informa:

Osis descobriu que raramente os moribundos manifestam medo. Muito pelo contrário, instala-se um certo sentimento de euforia que algumas vezes chega ao estado de exultação. O Dr. Osis tem podido demonstrar que fatores como o sexo, a educação, o nível social, a raça e as convicções religiosas específicas de uma pessoa parecem fazer pouca ou nenhuma diferença quanto ao tipo de experiências pelas quais as pessoas passam (CHAMPLIN, 1982, p. 216-217).

Essas informações respondem, de antemão, aos pressupostos daqueles que afirmam que as EQMs se explicam pela cultura e formação religiosa das pessoas, como se a crença as levasse a produzir imagens de seres irreais conforme suas convicções espirituais. Essa é uma explicação comumente usada, mas não plenamente satisfatória, reduzindo a experiência a um aspecto incapaz de contê-la por completo.

Referindo-se agora às pesquisas da Dra. Kubler-Ross com casos de EQM, Champlin diz:

Muitas dessas pessoas foram testemunhas dos esforços envidados pelos médicos para reavivarem seus corpos inertes. Muitas delas haviam tentado comunicar-se com os médicos, dizendo-lhes que a morte é boa, e que os médicos deveriam desistir das suas tentativas de reavivamento (1982, p. 232).

Essa concepção dualista se encontra nos escritos de Platão, bem como no Novo Testamento, como veremos mais adiante ao analisarmos as convergências das EQMs com a visão judaico-cristã. É paradoxal que esses depoimentos façam com que as pessoas encarem a morte, quando passam pela EQM, de modo muito diferente do que quando estão em seus estados físicos normais. Assim, a morte não parece ser aquele inimigo terrível e assustador. O Dr. Moody ratifica:

O medo da punição terrível por atos terrenos não é mais um problema para muitos. Quando passam pela revisão de sua vida, as pessoas percebem que o Ser

de Luz as ama e cuida delas. Percebem que ele não é crítico, mas, ao contrário, quer que elas se tornem pessoas melhores (2004, p. 47).

Certamente o medo da morte não existe meramente devido ao temor de extinção da vida, mas sim do desconhecido, da perda de controle, da ausência das pessoas amadas e, por vezes, há um receio acerca do que existe do outro lado da vida, de uma punição divina, do fogo do inferno.

Para a maioria das pessoas, há uma revolução em seus conceitos de vida, até teológico, após a experiência. “Quando elas voltam, quase todas dizem que o amor é a coisa mais importante da vida” (MOODY, 2004, p. 48). Mesmo para aqueles que buscam explicações alternativas para as EQMs, negando que se trata de uma genuína experiência vivida pela parte imaterial do homem, os resultados positivos são visíveis e as mudanças de prioridade dos indivíduos os levam a se tornarem pessoas melhores. Para entendermos o contraste entre a EQM e algumas experiências entendidas como místicas por alguns, citamos a opinião de Roger Bastide: “Concluimos, portanto, que em todas estas pretensas graças não há senão fenômenos secundários, sem valor, sinais mais de desordem mórbida do que de gênio religioso” (BASTIDE, 1959, p. 89). No contexto, Bastide está falando de visões místicas e dons de línguas estranhas (glossolalia, no grego). O Dr. Moody, falando de algo muito diferente em sua essência e consequências, cita outro caso que corrobora essa transformação: “Uma mulher descreveu esse lugar como uma grande universidade, onde as pessoas estavam envolvidas em conversas profundas sobre o mundo em volta delas” (MOODY, 2004, p. 50). Essa experiência nos faz entender a razão de muitas pessoas passarem a ser mais interessadas pelo conhecimento e por aspectos filosóficos da vida, abandonando as questiúnculas cotidianas e apegando-se mais ao que é realmente relevante.

2 Convergências com a visão judaico-cristã

As páginas da Bíblia pouco falam de vida pós-morte no sentido de que as pessoas gostariam de saber, pois não aborda com detalhes como é o outro lado da vida, em especial no Antigo Testamento, onde o aspecto escatológico começa a se desenvolver, embora timidamente. Contudo, os textos que falam da ressurreição, do juízo final e das condições para que o homem herde o reino celestial após sua morte estão intimamente relacionados com as EQMs, pelo que as próprias pessoas que passaram pela experiência utilizam, por vezes, descrições bíblicas para aproximar e expressar o que viveram, enquanto outros utilizam os mesmos relatos para negá-lhe a veracidade ou até sua origem divina. Moody nos informa que:

A grande maioria de meus informantes, entretanto, relata que se encontrou em outro corpo depois de liberta do físico. Aqui, contudo, entramos em uma área que é extremamente difícil de tratar. Esse “novo corpo” é um dos dois ou três aspectos das experiências de morte nos quais a inadequação da linguagem apresenta os maiores obstáculos (1979, p. 47).

Na visão do apóstolo Paulo, o corpo é uma espécie de casa, um tabernáculo da verdadeira essência humana, que vive *apertada* dentro de uma residência desconfortável, onde geme e sofre (2 Co 5). Sendo assim, poderíamos dizer, para nos aproximarmos das palavras que o Dr. Moody usa, que esse *outro corpo* é a essência à qual Paulo se refere. No relato bíblico da transfiguração, onde Jesus aparece glorificado junto com Elias e Moisés (Mt 17), a ideia de que o morto tem uma aparência, uma essência, mesmo após deixar a Terra, está implícita, já que essas duas grandes figuras são identificadas por Pedro, e a Torá narra a morte do segundo (Cf. Dt 34). Isso não se aproxima do conceito bíblico da ressurreição, pois o próprio termo indica que a alma ou espírito retornará ao corpo falecido, e este último terá que experimentar uma glorificação quando deste evento.

No Novo Testamento, temos a conhecida parábola do rico e do Lázaro (Lc 16:19-31), a qual ensina que há dois possíveis estados

em que o homem se encontra após a morte: Prazeres ou tormento. A parábola relata que o mendigo miserável, após o falecimento, foi levado ao Seio de Abraão, uma espécie de Paraíso, pelos anjos. Em muitos relatos registrados pelo Dr. Moody, os pacientes perceberam a presença de outros seres espirituais, que, aparentemente, estavam lá para ajudá-los na transição para a morte (cf. MOODY, 1979, p. 59). Champlin descreve o depoimento de uma mulher: “Vi os anjos, e eles são mais belos do que eu sou capaz de expressar” (CHAMPLIN, 1982, p. 238). Embora a identificação dos seres como *anjos* por parte do indivíduo esteja relacionada à formação religiosa, a semelhança entre as narrativas é clara, independentemente de como os elementos vistos sejam denominados.

Os depoimentos também envolvem *visitas* a outras esferas, as quais têm semelhanças e diferenças com alguns relatos dos livros sagrados das grandes religiões, as quais são importantes destacarmos. Uma pessoa descreve a sua experiência:

Essa luz ficava cada vez mais intensa. E pareceu-me que eu a atravessava. Subitamente, eu estava em algum outro lugar. Havia uma luz dourada, por toda a parte. Era muito linda. Eu não podia encontrar qualquer fonte luminosa, em parte alguma. Simplesmente aquela luz estava por toda a parte, vinda de toda a parte ao mesmo tempo. E também havia música. E eu parecia estar em um campo dotado de riachos, grama, árvores e montanhas (CHAMPLIN, 1982, p. 250-251).

É provável que o leitor, familiarizado com a Bíblia, tenha-se lembrado da descrição da Nova Jerusalém feita pelo escritor do Apocalipse, cidade que, embora sem lâmpadas, é toda iluminada pelo Cordeiro (Ap 22:5). A cidade celeste pintada no Apocalipse também aparece com um rio cristalino, árvores com frutos e seres cantando músicas espirituais. Essa luz intensa também nos remete ao relato lucano (At 9), no qual Saulo, o perseguidor dos cristãos, se encontra com Jesus e a luz do Messias é mais forte do que o brilho do meio-dia.

No outro extremo, há também experiências negativas, assim vistas pelos próprios informantes e pelos pesquisadores, as quais, para muitos, estão relacionadas com o conceito das religiões de que o homem colhe tudo o que plantou durante sua vida, recebendo a devida recompensa pela forma como viveu na Terra. Champlin diz que “Outras pessoas, no estado de quem saiu do seu corpo físico, entram em dimensões onde imperam conflitos, a cobiça, o egoísmo, o espanto. Essas pessoas têm presenciado ‘almas apanhadas em armadilhas’, um estado extremamente infeliz” (1982, p. 251). Esse ambiente contrasta com os relatos que envolvem o Ser de Luz, uma esfera de amor e conhecimento e uma grande sensação de paz. Na citada parábola do rico e do Lázaro, o primeiro, após sua morte, encontra-se imediatamente no hades (inferno no grego), em tormentos, pedindo a Abraão para que um dos mortos fosse avisar aos seus familiares para que não fossem também para aquele lugar terrível. Embora o hades não seja uma invenção cristã, já que Hades é o deus do submundo que controla o lugar para onde os mortos vão, na mitologia grega, é no cristianismo que a ideia tem um alcance universal de punição para os maus após a morte biológica e é um dos termos que consta no grego do Novo Testamento para descrever o local. De qualquer forma, as EQMs negativas se assemelham à ideia de punição pós-morte para os incrédulos (conceito esse que varia conforme a tradição religiosa) pregada não só pelo cristianismo mas também por outras religiões.

Outra semelhança interessante entre as EQMs e uma narrativa bíblica é sobre a inefabilidade da experiência vivida. Outros místicos também costumam ter dificuldades para expressar o que viveram, relatando que tudo o que existe é insuficiente para comparar com o contato pessoal com o sagrado. O apóstolo Paulo fala aos cristãos da cidade de Corinto sobre o seguinte acontecimento:

Em verdade que não convém gloriar-me; mas passei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo, não sei, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi

arrebatado ao terceiro céu. E sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar (2 Co 12:1-4).

Nem mesmo Paulo soube descrever com precisão a experiência, mas é notório que a dificuldade em traduzir o que ouviu em palavras humanas tem diversos casos paralelos estudados pelos pesquisadores da nossa época. Não há como ter certeza do motivo do apóstolo julgar que sua experiência não deveria ser contada aos seus contemporâneos, mas a reação por parte das pessoas diante do que ouvem pode ser um dos motivos, já que, muitas vezes, a pessoa é vista como doente mental. Outra possibilidade é a distância existente entre o que foi experimentado pelo indivíduo e a compreensão dos possíveis ouvintes acerca do que a experiência engloba.

Uma pessoa fala que: “Coisas que agora não são possíveis então o eram. A mente fica tão mais clara. É tão bom. Minha mente era capaz de assimilar tudo e chegar a uma explicação para tudo, da primeira vez, sem ter que pensar mais de uma vez” (MOODY, 1979, p. 54-55). Na visão de Platão, o homem tem uma parte imaterial (na realidade *ele é* essa parte imaterial), que se separa e liberta do corpo durante a morte. Após isso, a alma teria uma capacidade superior, pensando e raciocinando mais claramente do que *presa* ao corpo. O apóstolo Paulo também entendia que o homem teria uma compreensão muito maior, no futuro, do que nesta vida: “Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido” (I Co 13:12). Os espelhos da época neotestamentária não eram como os de hoje, mas refletiam uma imagem embaçada, torcida. Segundo Paulo, assim é o nosso conhecimento na atual vida e, na eternidade, nós enxergaremos as coisas como, de fato, elas são.

Alguém afirmou que, durante o encontro com o Ser de Luz, se “sentia como se estivesse rodeado de uma plenitude de amor e compaixão” (MOODY, 1979, p. 66). O apóstolo João disse que Deus é amor (I Jo 4:8). Sobre a revisão feita pelo Ser de Luz, afirma: “Algumas pessoas caracterizam isso como um esforço educacional por par-

te do ser de luz. Quando estão testemunhando a exibição, o ser parece acentuar a importância de duas coisas na vida: aprender a amar outras pessoas e adquirir conhecimento” (MOODY, 1979, p. 69). Para as alas do cristianismo que enfatizam mais os rituais, dogmas e tradições, bem como a salvação vinculada a um grupo específico, esse conceito não será bem visto, pois ele favorece o inclusivismo. Por outro lado, para aqueles que entendem que a verdadeira espiritualidade valoriza o conhecimento, já que ele vem de Deus, como disse Agostinho, concluir que os pilares da vida são o amor e o conhecimento apenas corrobora no que já acreditavam de antemão.

3 Divergências com a visão judaico-cristã

As religiões classificadas como *religiões do livro* (judaísmo, cristianismo e islamismo), às vezes pejorativamente, às vezes apenas tecnicamente, têm mais resistência em aceitar opiniões contrárias às suas, já que, entendendo que seus respectivos livros sagrados foram dados por Deus, literalmente, não há espaço para questionamento sobre o que está estabelecido, mas apenas para obediência. Sendo assim, podemos entender com mais facilidade os conflitos que certas alas do cristianismo tiveram e têm com a ciência, quando esta emite pareceres contrários às crenças cristãs, bem como o fundamentalismo de alguns grupos muçulmanos quando se manifestam sobre o estilo de vida ocidental.

A Dra. Elisabeth Kubler-Ross afirma, no prefácio ao livro *Vida Depois da Vida*, que “Um sacerdote referiu-se a ‘vender barato a graça’. Outros sentem simplesmente que a questão da vida depois da morte deve permanecer uma questão de fé cega, não posta em dúvida por ninguém” (MOODY, 1979, p. 10). Diante de vastíssimos testemunhos positivos de EQM, é natural que alguns líderes religiosos, que pregam que a salvação é conquistada com muitas dificuldades e é para poucos indivíduos, fiquem perplexos com as conclusões das pesquisas e utilizem frases pejorativas contras as EQMs. O “vender barato a graça” é uma expressão que reflete a banalização da bondade divina, criticando a ideia de a maioria dos homens experimentarem amor e misericórdia após a morte biológica, mesmo os que não merecem.

A generalização da EQM positiva (aqueles que experimentam coisas boas durante o episódio) jamais pode ser bem vista por grupos cristãos exclusivistas, que limitam a salvação aos seus respectivos grupos. Champlin afirma que:

Não passa de um mito aquela ideia que diz que as pessoas pertencentes a determinados grupos ou denominações religiosas morrem melhor que as demais. Não obstante, é verdade que a espiritualidade genuína faz parte do quadro (1982, p. 226).

Nesse aspecto específico, a visão veterotestamentária, embora não fale direta e claramente sobre vida além-túmulo, tem uma divergência indireta com a EQM, já que lá somente Israel é apresentado como povo eleito, o que pode fundamentar uma visão exclusivista. Na Torá e no livro de Josué, a ordem divina é para que se destruam as demais nações, já que os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó tinham privilégios espirituais em relação aos demais povos. Se observarmos o comportamento de Jesus, de não fazer acepção de pessoas e ensinar que todos os homens são objetos do amor divino, teremos uma convergência com esta opinião de Champlin.

Para os adventistas de sétimo dia e testemunhas de Jeová, que acreditam no sono da alma (teoria teológica que afirma que a alma do homem não pode sobreviver após a morte biológica), as EQMs sequer podem ser reais, pois o conceito de alma para os primeiros é de que ela é a união do corpo com o espírito e, quando o primeiro não tem vida, a última também não pode sobreviver. No dizer de Ellen G. White:

O único que prometeu vida na desobediência foi o grande enganador. E a declaração da serpente no Éden – “é certo que não morreréis” – foi o primeiro sermão pregado sobre a imortalidade da alma (2005, p. 303).

Ela ratifica sua visão teológica sobre a sobrevivência da alma dizendo que “Depois da queda, Satanás ordenou a seus anjos que

inculcassem a crença na imortalidade natural do homem” (White, 2005, p. 304). Esse ponto de vista demonstra a rejeição dos adventistas, que têm Ellen White em grande estima, diante dos relatos de EQM ou de qualquer sistema teológico que pregue a sobrevivência da alma. Já a Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, utilizada pelas testemunhas de Jeová, afirma: “Decepamento na morte é simbolizado por fogo (...) Aniquilamento de Babilônia é chamado tormento” (p. 1655). Ou seja, para os fiéis desse segmento religioso, as passagens das Escrituras que falam do sheol, hades e geena (traduzidos por inferno em algumas versões da Bíblia) estão-se referindo apenas à cessação da existência e não a qualquer espécie de vida de tormento no além.

O tratamento de amor incondicional que o *morto* recebe do Ser de Luz também é motivo de controvérsia dentro da(s) teologia(s) cristã(s). Moody afirma:

Incidentalmente, devo insistir em que a questão, a pergunta, profunda e final como parece ser no seu impacto emocional, não é feita como uma condenação. O ser, todos parecem concordar, não faz a pergunta para acusar ou para ameaçar, pois sentem todos o total amor e aceitação vindos da luz, qualquer que seja a resposta (1979, p. 65).

O tratamento de Jesus para com os pecadores, como a mulher adúltera (Jo 8:1-11), o apóstolo Pedro (Jo 21:15-17) a samaritana (Jo 4:1-26), a *pecadora* que ungiu seus pés (Lc 7:36-50) e Zaqueu (Lc 19:1-9), refletem uma atitude muito parecida à do Ser de Luz, que, apesar da degradação moral dessas pessoas e das falhas claramente condenadas pelas Escrituras e pela sociedade em que elas viveram, são tratadas com amor, misericórdia e sem preconceitos. Moody ratifica este ponto de vista: “Descobriram, para espanto próprio, que, mesmo quando suas ações, aparentemente as piores e as mais pecaminosas, foram revistas diante do ser de luz, o ser respondeu não com ira e cólera, mas só com compreensão, e até com senso de humor” (1979, p. 99-100). Moody chega a dizer que pessoas atribuíram essas experiências a influências demoníacas, provavelmente baseando-

se em 2 Co 11:14, já que não podem aceitar que pessoas que não vivem de acordo com os seus padrões religiosos sejam objeto de amor desse misterioso Ser.

Mesmo observando as palavras de Cristo, as quais inspiram a visão cristã acerca do destino do homem após a morte e, posteriormente, depois da ressurreição, no mundo eterno, podemos encontrar uma divergência com este aspecto benevolente do Ser de Luz. Vejamos o que dizem Hellern, Notaker e Gaarder, ao comentarem sobre a salvação no cristianismo com base nos ensinamentos de Jesus:

Para poder viver no novo reino, o homem deve “negar a si mesmo” e se voltar para Deus (...) Aqui não se trata simplesmente de se livrar do egoísmo de uma vez por todas, mas também de escolher uma vida de obediência, humildade e amor. Não só a porta é estreita, o caminho também (2000, p. 169).

Observando que a grande maioria das pessoas não vive esta disciplina cristã de maneira dedicada e constante, é difícil para quem assim pensa conciliar sua fé com tantos relatos positivos nas EQMs, em especial daqueles que não tinham uma vida religiosa antes de chegarem perto da morte.

A visão soteriológica do protestante calvinista também diverge, *aparentemente*, dessa manifestação de elementos positivos vividos pela maioria dos *mortos*, já que a salvação, nesse sistema teológico, é para poucos eleitos. David Clark afirma:

A obra de Deus no homem, em vez de interferir na sua liberdade – para mencionar apenas um fato –, retira a pressão da depravação moral inata no homem, a qual impede sua livre aproximação de Deus (1988, p. 352).

Se o homem tem uma depravação *inata*, e só Deus, por um decreto salvífico, pode tirá-lo dessa situação catastrófica, um pré-juízo de um ser celestial não pode ser tão ameno como o vemos nas EQMs. Esse ponto de vista sobre salvação não apenas vê a maioria

dos seres humanos já sofrendo após a morte no hades (inferno), como também antecipa o que o espera após a ressurreição: “Não é uma doutrina agradável e não é ensinada com o fim de ganhar o favor dos homens, mas porque é o ensino claro de Jesus Cristo e das Escrituras” (CLARK, 1988, p. 428). O contexto dessa frase está na afirmação do sofrimento infundável que aguardaria a todos os não eleitos, o que nos leva a concluir que os grupos calvinistas não verão, de maneira favorável, esses relatos.

Analisando também uma parte do sistema soteriológico/escatológico dos batistas, também podemos entender que certos aspectos otimistas e positivos das EQMs também dificilmente serão bem vistos, já que a salvação também é limitada à minoria, aos que são fiéis. Gundry, teólogo de formação batista, confirma essa conclusão:

A pregação de Cristo aos espíritos aprisionados (vide 3:18 ss) mui provavelmente significa que durante o intervalo entre a Sua morte e a Sua ressurreição Cristo desceu em Seu espírito ao hades, a fim de proclamar o Seu triunfo sobre os espíritos demoníacos que ali haviam sido acorrentados por Deus, por causa da sua influência corruptora entre os homens, na época de Noé, imediatamente antes do dilúvio. **Não é necessário pensarmos que essa prédica era oferta de salvação** (1991, p. 394 – Grifo nosso).

Embora, aparentemente, este comentário não tenha muita relação com a nossa comparação, a ideia central que destacamos é a rejeição da crença de que haja uma segunda chance para o falecido que não morreu salvo, segundo esse sistema teológico. Por isso, Gundry rejeita a opinião de outros exegetas, de que Cristo desceu ao hades para resgatar os perdidos, já que, no meio protestante em geral, a chance do homem viver bem na outra vida é arrependendo-se nesta e vivendo de maneira santa. Após a morte, só restaria o juízo (Hb 9:27). Assim, é bem difícil para quem tem esse ponto de vista sobre a salvação da alma aceitar que a maioria das pessoas já não esteja em tormentos após o falecimento.

Já no meio evangélico pentecostal, a sugestão de uma salvação para poucos também aparece, embora não com o método da predestinação calvinista, mas sim com o livre-arbítrio humano de responder ao convite divino. Gibbs afirma: “Mesmo nascendo numa família cristã, mas sem o verdadeiro e completo arrependimento bíblico, não podemos ser salvos” (2008, p. 61). Portanto, se um fiel do movimento pentecostal viver uma EQM com os mesmos elementos narrados por grande parte dos que as experimentaram, isso será motivo para confirmar sua fé e o que for experimentado pelo indivíduo será associado ao que está narrado na Bíblia. Contudo, é bem provável que isso seja visto com desconfiança se pessoas que não seguem a mesma fé descreverem sensações semelhantes ou visitarem esferas que lembram o céu cristão.

Conclusão

Como afirmamos no início do artigo, o nosso propósito não é julgar quem está com a razão, do ponto de vista escatológico, as visões cristãs (tão variadas que precisaríamos escolher qual visão cristã confrontar com a EQM, se fosse o caso) ou os depoimentos dessas pessoas dados aos pesquisadores.

Para os religiosos mais conservadores, tudo o que é contrário ao que aprenderem referente à fé deve ser descartado como falso ou visto como demoníaco. Para os materialistas, tudo o que transcende ao empirismo precisa ter alguma explicação alternativa diferente do que a própria pessoa conclui de sua experiência, já que, para eles, nada há além daquilo que a ciência pode provar. E, para aqueles que amam o conhecimento e querem sempre descobrir coisas novas, independentemente de suas respectivas tradições religiosas ou formação acadêmica, a experiência do outro deve ser levada em consideração, ouvida com atenção e examinada com isenção, até onde isso é possível.

Como pudemos observar sumariamente, há relatos de EQM que convergem com aspectos das tradições religiosas, que são classificadas como cristãs, e aspectos que divergem das mesmas. E como é certo que muitas pessoas que tiveram a experiência são de tradição

judaico-cristã, é possível que passem por algum conflito com sua fé após a experiência ou que se sintam realizadas pelo fato de a EQM confirmar aquilo em que já acreditavam. E, caso o paciente *ressuscitado* pertença a alguma tradição cristã mais conservadora, já sabemos, de antemão, que ele pode enfrentar alguns problemas com seus líderes ou pessoas de convívio religioso, caso conte o que viveu. E, como essas experiências são mais comuns do que imaginamos, não podemos ignorar que problemas assim podem acontecer e devemos estar preparados para ajudá-los, caso estejam próximos a nós.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Corrigida, Imprensa Bíblica Brasileira, 1996.

TRADUÇÃO DO NOVO MUNDO DAS ESCRITURAS SAGRADAS. Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1986.

BASTIDE, R. **Os problemas da vida mística**. Publicações Europa-América, 1959.

CHAMPLIN, R. **Evidências científicas demonstram que você vive depois da morte**. Nova Época Editorial, 1982.

CLARK, D. **Compêndio de teologia sistemática**. 2. ed. Cultura Cristã, CEP-IPB, 1988.

GIBBS, C. **Doutrina da salvação: a provisão e a aplicação da salvação**. EETAD, 2008.

GUNDRY, R. **Panorama do Novo Testamento**. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1991.

HELLERN, V.; NOTAKER, H.; GAARDER, J. **O livro das religiões**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

MOODY, R. **Vida depois da vida**. 6. ed. Nórdica, 1979.

MOODY, R. **A luz que vem do além.** Butterfly Editora, 2004.

WHITE, E. **O grande conflito:** acontecimentos que mudarão o seu futuro. Casa Publicadora Brasileira, 2005.